

PSICOTERAPIA INSTITUCIONAL

ANÁLISE E DIGRESSÕES SOBRE A LOUCURA INSTITUCIONALIZADA

* Marly Alves Daólio

No último relatório da Comissão de Avaliação da Clientela Asilar do hospitais psiquiátricos do Paraná, realizado em Curitiba no ano de 1986, concluiu-se que 88% da população avaliada já era considerada como crônica pelos critérios da comissão, critérios esses que podem ser definidos como: "paciente asilar ou portador de patologia mental e/ou neurológica e/ou orgânica geral, crônico ou demenciado, de difícil compensação, sem inserção social e/ou familiar, com deficiente capacidade de autonomia e/ou relacionamento, necessitando de cuidados especializados".

Isto nos mostra a deficiência de condições e métodos de nossas instituições na recuperação da doença mental.

O espaço da psicose são as instituições que funcionam como depósito de corpos desagregados, com dedos amarelos de nicotina ou em outras, as que fazem parte da nova geração do "branco" limpas, higiênicas, desinfetadas, obsessivas. Essas que só deixam a marca de sua benevolência.

Em todas o importante é manter a ordem funcional aparente a qualquer custo. A busca de um ritmo "normal" de cotidiano. Tempo e espaço divididos e cronometrados.

A ordem lógica do mundo é repetida na rotina diária: comer, dormir, produzir cinzeiros, quadros, tapetes, remediar a dor, a crise, conter o grito, a angústia, cronificar.

A Psicoterapia Institucional nada tem de anarquista, ativista, reformista e outros "istas" categorizáveis. O que a impulsiona não é a idéia de organizar ou reformular o espaço da psicose. Preocupa-se com a instalação de uma estrutura que não venha domesticar o vazio, a angústia, as possibilidades, os deveres no campo psicótico.

Dar um lugar, um espaço ao vazio da psicose é esparramar o "caos" ao redor. É lutar contra as forças do paternalismo, do ocupacional, da infantilização do psicótico.

Para isso é necessário retomarmos essa palavra desarticulada, essas linguagens deformadas, esses corpos despedaçados e buscarmos novas representações do não representável, do não dito, do desejo impossibilitado de desejar que é a psicose.

Teremos que pensar então, em uma nova estruturação do espaço e do tempo no campo psicótico, que propicie agenciamentos múltiplos e ativos. (Sabemos que a configuração espacial das instituições psiquiátricas nos mostra a arquitetura dos mecanismos de defesa, que protegem da angústia aqueles que sempre se disseram operários do "psi").

* Docente do Departamento de Psicologia do Cesulon, tendo sido estagiária na Clínica La Borde sob supervisão do Dr. Jean Oury - França.

Pensar também em toda a questão da privatização do desejo, das posturas moralizantes, das interpretações cristalizadas, das palavras de ordem.

Pensar uma prática microssocial, coletivos estruturais, psicoterapia e instituição desvinculadas da esfera de produção/reprodução do mundo capitalista.

A Psicoterapia Institucional nos permite abordar de maneira multidimensional toda problemática da “saúde mental” seja ela psiquiátrica ou política, associando crítica e prática, processo permanente de análise do cotidiano de um coletivo.

Enfim, ela nos mostra como podemos atuar de maneira analítica em um campo psicótico.

Segundo Jean Oury (1) “A Psicoterapia Institucional pode ser considerada como uma instância crítica da psiquiatria”. Sua prática está vinculada a setores políticos-analíticos e psicopatológicos. Ela coloca em questão uma variedade de contratos que determinam uma diversidade de trocas, com a finalidade de ‘assegurar’ o que é da ordem do singular, do desejo, da produção de inconsciente. Seu trabalho “analítico”, consiste em decifrar, desatar pacientemente essas teias de alienação, a retirar máscaras, abrindo vias de acesso ao real.

Pode-se dizer que os psicóticos não irão mais longe que o coletivo do qual eles fazem parte. Devemos analisar então como funciona esse coletivo. Quais mecanismos instaura para defender-se da angústia. Observamos uma espécie de funcionamento paranóico-esquizóide nas instituições, uma tentativa sádica de apreensão dos outros, um “masoquismo funcional” aparente na dimensão metafórica do contrato terapêutico.

O processo de não cronificação deve, pois, passar por qualquer coisa de intermediária entre o psico-sócio-sexual e o objeto institucional.

Somente modificando os pontos de articulação de um coletivo, pontos nós rizomáticos e mantendo acessíveis os lugares de emergência do sentido, do impacto de transferência, do incorporal e do inconsciente, poderemos criar outras vias de acesso ao real, novos sentidos de linguagem – a valorização das dissonâncias e talvez a possibilidade do desejo – desejar.

(1) Oury, J. – *Onze heures du soir a la Borde – Paris, Galilée, 1980 p.13.*